



A ARTE DE LER: UMA ANÁLISE ENTRE HUGO DE SAINT VICTOR E A EDUCAÇÃO

Ana Paula dos Santos Viana - GETSEAM/PPE/UEM

Flávio Rodrigues de Oliveira - GETSEAM/PPE/UEM

Resumo: Neste texto apresentaremos reflexões sobre a importância da leitura para a formação intelectual. Como fonte principal utilizamos a obra *Didascálicon Da arte de ler*, do mestre medieval do século XII, Hugo de Saint-Victor. Destacamos o período histórico em que viveu, bem como o conceito de sabedoria, que para o mestre Vitorino é o Verbo, o pensamento divino, que se alcança por meio da leitura. Nosso propósito é analisar de que forma a leitura potencializa a pessoa para o conhecimento e, com isso, procuramos relacionar essa “arte” (de ler) à qualidade da educação brasileira. O caminho que trilhamos para realizar esse estudo foi fundamentado na concepção da História Social, na qual a abordagem histórica de processos educativos (como a leitura) nos permite partir do presente e buscar no passado exemplos que proporcionem uma melhor compreensão da realidade atual. Desse modo, o ato de ler foi analisado sob a ótica do autor em questão, uma vez que, a sabedoria é alcançada à medida que as pessoas se dedicam a leitura, afinal, todo conhecimento adquirido pelos homens, na história, está registrado, em geral, sob forma da escrita.

Palavras-chave: História da Educação Medieval. Hugo de Saint-Victor. Leitura. Sabedoria.

Introdução

Neste trabalho analisaremos algumas formulações de Hugo de Saint-Victor sobre o sentido de sabedoria e a sua interpretação. Seguindo o mestre, procuraremos explicitar que para o autor a sabedoria é, antes de tudo, a forma da perfeição, algo conquistado pela leitura, meditação e contemplação. Para fazer este estudo refletiremos a relação que ele estabelece entre sabedoria e o ato de ler.

Nosso propósito é verificar em que medida a leitura potencializa a pessoa para o conhecimento e, concomitantemente, ousamos relacionar essa “arte” (de ler) à situação da qualidade da educação, a qual cada vez mais se torna um tema para análise e estudos, especialmente por constatarmos a falta de leitura quando vemos os índices de analfabetismo no Brasil¹, bem como os resultados dos testes educacionais.

Principiamos considerando o fato de que esta obra possui uma origem, logo, um contexto histórico, que foi o período de consolidação do sistema do sistema feudal no

¹ Taxas de analfabetismo no Brasil: 10 a 14 anos (3,9%); 15 ou mais (9,6%). Fonte: PNAD/IBGE – 2010.

Ocidente. Destacamos, também, que para compreender as formulações de Hugo de Saint-Victor, faz-se necessário, a nosso ver entender a história medieval da época e suas transformações.

O desenvolvimento e o estabelecimento do sistema feudal proporcionaram novos modos, novos costumes, novos laços (sociais) entre os homens. Podemos citar dentre esses novos laços sociais, o fato de os homens fixarem suas moradias em um determinado local, possibilitando, também, que as relações familiares se tornassem mais consolidadas. A construção de residências mais seguras gerou mais segurança para as pessoas e, por conseguinte, na sociedade, dificultando assim, os saques e pilhagens, tornando a vida destes mais segura em sociedade.

No momento em que a feudalidade já estava bem estabelecida, quando cada homem tomou seu lugar, fixando-se na terra, quando a vida errante cessou, ao final de um certo tempo, as cidades recomeçaram a adquirir alguma importância, desenvolvendo-se nelas, novamente, alguma atividade. [...] dá-se com a atividade humana algo semelhante ao que ocorre com a fecundidade da terra: cessada a desordem, tudo volta a germinar e a florir. Basta o menor clarão de ordem e paz e o homem retoma a esperança, e com a esperança o trabalho. É isso que ocorreu nas cidades: desde que o regime feudal se assentara um pouco, surgiram, entre os possuidores de feudos, novas necessidades, um certo gosto pelo progresso, pelo melhoramento. Para satisfazê-las, um pouco de comércio e de indústria reapareceu nas cidades localizadas nos domínios desses senhores; a riqueza, a população, nelas reaparecem. (GUIZOT, 2005, p. 34-35).

Observamos a partir da citação de Guizot (2005), a estreita relação existente entre o amadurecimento do sistema feudal e o surgimento das cidades. As cidades estavam em processo de formação e o desenvolvimento comercial foi essencial para que isso ocorresse. Destaca-se nesse progresso, o trabalho artesanal, pois a atividade do artesão antes era uma prática local, e com as novas demandas comerciais, torna-se instrumento de troca.

Nesse sentido, Le Goff (2007) menciona que com as tensões e trocas comerciais, o artesanato confere à cidade um importante papel de produção, o que, segundo o autor, proporcionou um intenso desenvolvimento comercial e urbano. Desse modo, surgiram novas necessidades sociais, dentre elas a leitura e a escrita.

Pirenne (1964, p.180-181) afirma que “[...] o ensino cessa de repartir exclusivamente os seus benefícios pelos noviços dos mosteiros e pelos futuros padres das paróquias. Sendo o conhecimento da leitura e da escrita indispensável à prática do comércio [...]”. Observamos que a instrução (leitura, escrita), antes restrita aos homens do clero e da nobreza, passa a ser necessária ao mercador e para os demais setores da sociedade. Além da leitura e da escrita, essa sociedade precisou também aprender o cálculo.

Nesta nova condição de existência e de relações sociais dos homens do medievo ocidental que apresentaremos a obra de Hugo de Saint-Victor, ressaltando a importância da leitura para a formação da pessoa e, conseqüentemente, do seu intelecto para que alcance a sabedoria.

O MESTRE VITORINO E SUAS FORMULAÇÕES

O mestre Hugo de Saint-Victor (1096-1141), cônego e filósofo, nasceu na Saxônia, e chegou a Paris por volta de 1115, falecendo em 1141. A fundação da Escola de São Vitor é datada de 1108, ano este em que o arqui-diácono Guilherme de Champeaux deixa a região da Ilha da Cidade (Île de La Cité) em Paris, onde lecionava e se acomoda em uma capela em honra de São Vitor. Próximo a esta havia alguns anexos nas margens do rio Sena que dera início a então Escola de São Vitor. Hugo de São Victor foi levado à abadia de São Vitor pelo arqui-diácono Halberstadt. Destaca-se que esta abadia, após alguns anos, foi anexada à abadia de Sainte-Geneviève (MARCHIONNI, 2001, p. 24).

A relevância da obra *Didascálicon, da arte de ler* consiste na apresentação de conceitos e definições com a finalidade de orientar os estudantes em suas leituras, mostrando a estes como e o que ler, além de ser uma introdução ao saber, proporcionado por meio de seus escritos e a divisão da obra que apresenta como “[...] uma luz intelectual sobre a concretude do agir humano” (MARCHIONNI, 2001, p.34).

É sabido que na atualidade o livro cada vez mais cede espaço para os meios tecnológicos, o qual muitos podem pensar que um debate acerca da importância do livro e da leitura pode parecer algo anacrônico, ainda mais quando se utiliza um autor medieval (OLIVEIRA, 2007). No entanto, uma análise ponderada das considerações de Hugo de Saint-Victor nos ensina muito a respeito do homem e da sociedade. Ao lê-lo, aprendemos que muitas questões ainda continuam “vivas” em nosso cotidiano e possibilitam-nos refletir um pouco mais sobre nossas origens (identidade), sobre o trabalho humano (manual e intelectual), e a capacidade de viver em comum. Entretanto, priorizaremos a leitura como condição essencial para a questão da sabedoria.

Nesse sentido, ao considerar que o conhecimento ao qual o mestre Vitorino se refere é o que nos torna capazes de conviver socialmente (viver em comum) e ressaltando que o conhecimento anterior (conhecimentos de nosso passado, aquilo que já foi vivenciado) torna-se condição importante para a formação da nossa identidade social, pode-se dizer, então, que alguns conceitos presentes em *Didascálicon* não podem estar ausentes quando se debate

temas sobre a formação intelectual de uma pessoa. É, pois, esta uma das razões que justificam os aspectos que trataremos a seguir.

A LEITURA E A SABEDORIA: ELEMENTOS NECESSÁRIOS À FORMAÇÃO DA PESSOA

O primeiro desses conceitos apresentado na obra é a sabedoria. Cumpre mencionar que a conotação de sabedoria ao qual o mestre Vitorino se refere, evidentemente, é de chegar a Deus, pois para os homens medievais do século XII, qualquer sabedoria procedia de Deus e alcançá-la significava encontrá-lo por meio do saber, tanto que Hugo esclarece que *Sapiência*² é a Mente Divina “[...] porque [...] em maneira clara é expresso o advento de Cristo, que é a *Sapiência* do Pai”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 187). Com isso, observa-se que em cada momento histórico há concepções e ações ímpares em seu contexto.

É necessário, também, considerar que para o mestre Vitorino é o intelecto que leva o homem a Deus e proporciona toda natureza de conhecimento: a religiosa e a filosófica. Assim, devemos usar o intelecto para tomar decisões, quando necessárias, agir e viver com o outro. Afinal, é esse conhecimento/discernimento que nos torna capazes da convivência social.

Com efeito, essa discussão se justifica por entendermos que o conhecimento e, conseqüentemente, a leitura estão intrínsecos ao pensamento/ao saber e essencial à formação da pessoa. Desse modo, acreditamos que as formulações que este mestre trilhou e as evidenciou, tenha influenciado sua época e de outros autores que lhe era contemporâneo acerca desta questão, sobre o conceito e os sentidos de sabedoria e a ordenação dos estudos (a questão de método).

Cumpre mencionar que, com base na leitura da obra do mestre Vitorino, a sabedoria ainda que seja divina é humana. É divina porque o mundo é explicado pela religiosidade cristã e, também, é humana porque é explicitado a partir de seu contexto, ou seja, o mundo medieval. Athayde (2007) menciona que Hugo de Saint-Victor:

[...] sustenta que a alma humana é por natureza dividida em sentido e inteligência. Essa divisão estabelece os modos de sua atuação. Desta forma, o homem atua pelos sentidos quando se aplica às coisas sensíveis (razão humana), tratando de sua

² Em toda a obra analisada aparece o termo *Sapiência* ao invés de sabedoria, pois sua conotação para o período é distinta de outros contextos históricos, como por exemplo, da atualidade. (HUGO DE SAINT-VICTOR, **Didascálion**. Da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001).

manutenção e preservação no mundo material, e pela inteligência (razão divina), quando almeja as coisas intelectíveis, a Mente Divina: “Dividida a alma, ela reúne o seu movimento em dois círculos”, “pois, seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis, ela circula trazendo para si a semelhança das coisas”. (p. 180. Grifo nosso).

Fica explícito, no excerto, que somos seres dotados de intelecto. Para os homens medievais o intelecto é um dom divino ainda que humano, afinal observamos na passagem acima que o pensamento/intelecto é fruto da razão divina, pois a mente é capaz de captar todas as coisas, e também é humana, pois é formada de substância e natureza (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 49).

Hugo de Saint-Victor procurou fundamentar filosoficamente o entendimento sobre a sabedoria, mas sempre mostrando que Deus era e continuava sendo o ponto de explicação e que os homens (remete-se especialmente a seus estudantes) devem ler tudo e todos, para saberem distinguir o que é bom do que é ruim, isto é, ter a capacidade de discernimento, chegando assim a um pensamento reflexivo.

O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora. [...] Por que, então, você se envergonha de aprender, e não se envergonha de ser ignorante? [...] Avalie, antes, aquilo que tuas forças podem sustentar. Avança bem, quem avança ordenadamente. [...] Não queira, portanto, apressar-se demais. Deste modo você chegará mais cedo para a Sabedoria. Aprenda de todos com prazer aquilo que você não conhece, porque a humildade pode tornar comum para você aquilo que a natureza fez próprio para cada um. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 157).

Considerando a citação acima, observamos que, diferentemente de nossa atualidade em que particularizamos nossos estudos e atividades, Hugo de Sant-Victor instiga seus alunos a conhecer e não desprezar conhecimento algum, posto que cada leitura os ensina muito e o desprezo pelo conhecimento revela um vício: o da vaidade. Diz ele que “[...] este vício da vaidade ocorre a alguns, porque olham com demasiada diligência o próprio conhecimento [...]” (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 159). Outro ensinamento do mestre, que julgamos importante é de como tornar-se um bom estudioso:

O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastando totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto. E se, por acaso, certas coisas mais obscuras não são admitidas por sua inteligência, o bom estudioso não prorrompa em impropérios, como se crese que nada é bom a não ser aquilo que ele pode entender. Esta é a humildade da disciplina do estudante. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 159).

Hugo de Saint-Victor ensina a seus estudantes que a humildade e a mansidão são duas condições que devem ser aperfeiçoada no trato do estudo. Conhecer pressupõe alguns requisitos e dentre estes a humildade, a mansidão e a reflexão devem-se fazer presente para que o aprendiz não cometa injustiças e julgamentos precipitados. A humildade e a mansidão conservam o estudante para que o mesmo leia e escute, com atenção, todos os escritos e, com isso, absorva os bons ensinamentos que cada um desses possa lhe oferecer. A reflexão, por sua vez, é uma consequência desses requisitos, afinal como afirma o mestre Vitorino, devemos aprender a refletir com minúcias sobre todo escrito (conhecimento), pois desta forma não será estabelecido julgamentos, ou ao menos, terá ciência do que será tratado/estudado sem menosprezar o que o outro tem a transmitir.

Ser humilde e manso, portanto, é receber tranquilamente e reflexivamente aquilo que lhe é ensinado, sem, no entanto, menosprezar o conhecimento ou ler sem aprofundar, sem dedicação, meditação. Afinal, como o próprio mestre assinala, o bom estudioso não se manifesta, com ímpeto, de forma ofensiva ao que desconhece ou com uma ação repreensiva, julgando que apenas seu conhecimento (aquilo que adquiriu) é o melhor e o ensinamento que ainda não entendeu é desnecessário, mas sim, está aberto ao conhecimento, ouvindo com atenção.

Essa questão que ora mencionamos a respeito de julgamentos é algo bastante oportuno de esclarecermos, pois comungamos com o mestre Vitorino ao expressar sua preocupação em conhecer algo em profundidade para, então, discorrer ou debater sobre o assunto/tema. Compartilhamos acerca dessa questão, também, por acreditarmos que pesquisar e estudar no campo da história da educação, o período medieval, pressupõe alguns desafios, dentre estes o de compreendê-lo sem estabelecer julgamentos, visto que cada época expressa maneiras de os homens pensarem e agirem, pois respondem a questões e demandas de um determinado tempo histórico. Ao fazermos isto, compreendemos e nos aproximamos de forma mais efetiva do contexto de cada existência humana. Observamos isso com a afirmação de Bloch (2001, p. 126):

[...] se o julgamento apenas acompanhava a explicação, o leitor estará livre para pular a página. Por infelicidade, à força de julgar, acaba-se, quase fatalmente, por perder até o gosto de explicar. Com as paixões do passado misturando seus reflexos aos *partis pris* do presente, o olhar se turva sem remédio e, assim como o mundo dos maniqueus, a humana realidade vira apenas um quadro em preto e branco. Montaigne já nos chamara a atenção: “A partir do momento em que o julgamento pende para um lado, não se pode evitar de contornar e distorcer a narração nesse viés.” Do mesmo modo, para penetrar uma consciência estranha separada de nós pelo intervalo das gerações, é preciso quase se despojar de seus próprio eu. [...]

Com este excerto, Marc Bloch indica que não nos cabe julgar sob a finalidade de apresentar o certo e o errado, especialmente no que se refere ao campo da história, pois o que deveria nortear nossos estudos é a compreensão dos acontecimentos históricos. É, pois, dentro dessa perspectiva que prosseguiremos tratando dos conceitos presentes nessa obra.

O ponto de partida em *Didascálicon* é a sabedoria, tanto que o mestre Vitorino discorre por quê? Qual seu significado? Como chegar a ela (questão do método/ordem)? Com relação ao por que, o mestre Vitorino afirma que “A Sapiência ilumina o homem para que conheça a si mesmo, ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, acaba achando-se semelhante a qualquer outra coisa” (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 47). Nesse sentido, observamos que é necessário buscar a sabedoria porque, de acordo com o mestre Vitorino, ela é a nossa origem, conhecendo-a, conheceremos a nós mesmos (nossa natureza humana).

Somos reerguidos pelo estudo, para que conheçamos a nossa natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar dentro de nós. A procura da *Sapiência* é, com efeito, “um grande conforto na vida”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 51).

A integridade da natureza humana, por sinal, se realiza de duas maneiras, pelo conhecimento e pela virtude, e esta é a única semelhança que temos com as substâncias superiores e divinas. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 61).

A nosso ver, fica explícito que para Hugo de Saint-Victor o homem se torna humano a partir do conhecimento e da virtude, ou seja, sua natureza humana, sua racionalidade é adquirida pelo intelecto por meio de um comportamento virtuoso. Desse modo, nos tornamos humanos pela sabedoria e esta é alcançada, para os homens medievais do século XII, ao aproximar-se de Deus.

Dito de outro modo, sem o conhecimento não tem como ensinar o homem. É o intelecto que leva a pessoa à Deus e as formulações presentes nesta obra se dedicam à filosofia. Observamos essa dedicação, pois o mestre reflete a sabedoria amalgamada com a filosofia, pois para o autor não existe ruptura entre ambas. Esta junção entre estes ramos do conhecimento pode ser constatada no excerto abaixo, no qual o mestre explicita a união das coisas materiais (por exemplo, atividades práticas, habituais) com as espirituais (cognitivas).

Então, devemos usar o intelecto para tomar decisões, quando necessárias, agir e viver com o outro. Hugo de Saint-Victor indica caminhos para serem percorridos na leitura para que proporcione o conhecimento, pois é por meio do ato de ler, seguido do ato de refletir e chegando à contemplação, que o ser humano chega à *sapiência*. A leitura, portanto, é o começo do saber.

Dentro dessa perspectiva, a sabedoria está intrínseca a filosofia, tanto que não há ruptura entre sabedoria e filosofia em toda a obra analisada.

A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e uma certa amizade para com a *Sapiência*, mas não aquela sabedoria que se ocupa de tecnologias e de ciências produtivas, e sim aquela *Sapiência* que, não carecendo de nada, é mente viva e “única razão primordial das coisas”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 53).
 [...] “A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas”, isto é, aquela para a qual todas as artes e disciplinas olham. Pode ser denominado *arte* aquilo que “consiste das regras e dos preceitos de uma arte”, como é o escrever, e *disciplina* uma ciência “considerada completa” [...]. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p.83-84).

Do ponto de vista do mestre Vitorino, a filosofia serve de base para as demais artes e disciplinas, pois a filosofia e a sabedoria estão concomitantemente entrelaçadas, transformando-se em fundamento para se chegar ao conhecimento supremo.

Outro conceito essencial para a formação intelectual em *Didascálicon* é a ordenação dos estudos, isto é, a questão do método. Conforme o autor:

[...] parece-nos procedente dizer algo sobre o modo e a ordem da leitura, para que o estudante saiba, a partir de quanto dissemos, a que deva dedicar o estudo e aprenda, a partir do quanto diremos, o modo e o método deste seu estudo. Dado que é mais fácil entender aquilo que deve ser feito conhecendo antes aquilo que não deve ser feito, o estudante deve ser primeiro instruído sobre aquilo que deve evitar, e depois deve ser informado sobre como levar a termo aquilo que deve ser feito. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 217).
 Deve saber que em qualquer trabalho são necessárias duas coisas: a aplicação e o método da aplicação, e estas duas coisas são tão conexas entre si, que uma sem a outra é ou inútil ou pouco eficiente. Com efeito, se diz que “a prudência é melhor que a força” porque às vezes levantamos com a habilidade os pesos que não podemos mover com as forças físicas. O mesmo dá em qualquer estudo. Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento. [...] Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo “sempre estudando – como se diz – nunca chegando ao saber”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 217. Grifo nosso).

A nosso ver, fica explícita a importância que o mestre Vitorino concerne à sistematização nos estudos. Não basta conseguir ler uma expressiva quantidade de escritos se não houver uma ordenação, pois a quantidade não, necessariamente, significa qualidade nos estudos, uma vez que pode ser lido muito e compreendido pouco. Não somente nos estudos, mas toda atividade humana exige uma ordem, um método, do contrário será despendido tempo, inutilmente, sem se chegar ao conhecimento ou a nenhuma conclusão do que foi lido.

Nesse sentido, é substancial um caminho, uma ação metodológica para que, de acordo com o mestre Vitorino, consiga “colher bons frutos”. A leitura, portanto, deve ser o início para se chegar ao saber, mas para tanto, é preciso estudar e, por conseguinte, faz-se necessário

decidir o que estudar e como estudar, ou seja, o que ler e como ler. Afinal, aprendemos quando sabemos o caminho que trilharemos em nossas leituras.

Para Hugo de Saint-Victor, segundo Marchionni (2001), a leitura e a moral são duas faces do ato de ler. Ter o hábito de ler é o caminho para se adquirir uma boa compreensão do que se está estudando, pois o autor aconselha aos seus alunos alguns estágios (ao qual ele denomina de degraus) necessários para que eles alcancem o conhecimento divino.

Entre estes [...] degraus, o primeiro degrau, a leitura é dos principiantes e o supremo, ou seja, a contemplação é dos perfeitos”. Com relação aos degraus do meio, quanto mais a pessoa ascende, tanto mais é perfeita. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 229).

A meditação, por sua vez, é pensar com discernimento. Ela inicia com a leitura, pois como ensina o mestre Vitorino, o início da aprendizagem está na leitura e o fim na meditação. Dito de outro modo, a meditação nada mais é, de acordo com Hugo de Saint-Victor, uma análise minuciosa que pertence ao exercício contínuo.

O mestre afirma que a ética é o pressuposto para o conhecimento do bem e indica o que é necessário ao estudo: as qualidades naturais; o exercício e a disciplina. Com relação ao primeiro, podemos dizer que é o talento natural que o estudante já possui e que serve para a boa compreensão e memorização dos ensinamentos. O exercício, por seu turno, serve para que eduque este talento por meio do trabalho (intelectual) e da persistência. A disciplina está direcionada para harmonizar a boa conduta com o saber.

Em consonância aos três propósitos mencionados anteriormente, Hugo de Saint-Victor indica cinco fases nos estudos para se chegar ao conhecimento, a saber: “1) a leitura ou instrução, 2) meditação, 3) a oração, 4) a prática, 5) a contemplação”. O primeiro concerne o entendimento; o segundo propicia o discernimento; o terceiro refere-se a súplica, ou seja, elevar seu pensamento a Deus; o quarto diz respeito à procura e o quinto é o encontro/alcance deste empenho. Para que os cinco estágios sejam realizados, Hugo de Saint-Victor recomenda um caminho a ser seguido, pois para ele, “o modo de ler consiste em dividir”.

Toda divisão começa das coisas finitas e progride até as infinitas. Tudo aquilo que é finito é mais conhecido e mais compreensível pela ciência. A aprendizagem começa das coisas que são mais nota e, pelo conhecimento delas, chega ao conhecimento das coisas ocultas. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 149).

Fica explícito que, para o mestre Vitorino, o caminho metodológico para o aprendizado condiz em iniciar pelas coisas singulares (mais conhecidas) para então chegar às mais abrangentes, mais complexas. Vale lembrar que estabelecido o escrito (livro,

documento,...) para a leitura, o método e a ordenação são requisitos essenciais para o estudo, no qual Hugo de Saint-Victor enfatiza as regras necessárias do ato de ler: “São três as regras mais necessárias para a leitura: *primeiro*, saber o que se deve ler; *segundo*, em que ordem se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que depois; *terceiro*, como se deve ler”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, Prefácio).

Além da organização nos estudos e da análise minuciosa do conceito de sabedoria, o mestre também apresenta a categorização dos escritos. É oportuno mencionarmos essa categoria, pois estamos nos remetemos à arte de ler, o comprometimento com o saber e nesta passagem o mestre Vitorino expressa sua concepção de arte.

Há duas categorias de escritos. A primeira abrange os escritos que se chamam propriamente *artes*. A segunda categoria é a dos escritos que são complementos das artes.

As artes são aquelas que estão subordinadas à filosofia, isto é, aquelas que têm como conteúdo alguma divisão certa e determinada da filosofia, como é o caso da gramática, da dialética e coisas parecidas. Complementos das artes são aqueles escritos que apenas se relacionam com a filosofia, isto é, que tratam de algum conteúdo fora da filosofia. [...] A esta categoria pertencem todas as composições dos poetas, tais como tragédias, comédias, sátiras, escritos heróicos e líricos, versos iâmbicos e algumas obras didáticas, assim como fábulas e histórias [...]. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 141).

Observamos que o conhecimento adquirido pelos homens, na história, de modo geral, está registrado na forma de escrita. Com esse excerto constatamos que o olhar do mestre Vitorino para os escritos e sua concepção é denominado de arte. A arte, portanto, está relacionado com a filosofia, que como já pontuamos, designa o amor à sabedoria. Desse modo, as artes sem seu “complemento”, menciona o mestre, pode levar o leitor à perfeição. No entanto, os “complementos” sem as artes não confere nenhum grau de perfeição. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001).

Dito de outro modo, o ato de ler é uma arte, pois essa ação está intrínseca com o conhecimento e, por conseguinte, toda arte tem uma função, uma finalidade. Certamente, o fundamento de todo saber, para o mestre Vitorino, está nas artes, especificamente, nas sete artes liberais³ (trívio e quadrívio), afinal, para o mestre: [...] todas as artes tendem para o

³ Cumpre mencionar que, de acordo com Marchionni (2001, p. 17), Hugo introduz em seu livro uma novidade. O mestre divide a filosofia em quatro ciências (teórica, prática, mecânica e lógica). Cada ciência dessa, por sua vez, contém subdivisões. Desde a teórica (teologia, matemática e física) até as artes do trívio (gramática, dialética e retórica), incluídas na lógica. No meio estão o quadrívio (aritmética, geometria, astronomia e música), situados com a matemática, a prática (ética, econômica e política) e as sete artes mecânicas (lanifício, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina e teatro). Embora Hugo desmembre as sete artes liberais, caracterizando o quadrívio à matemática, uma parte da filosofia teórica, e incluindo o trívio na lógica, continua a atribuir um papel relevante a estes.

único objetivo da filosofia, mas nem todas percorrem o mesmo caminho; aliás, cada uma possui determinadas ponderações próprias, pelas quais se diferencia das outras. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 105). Portanto, cada arte tem sua especificidade e o mestre é categórico ao exemplificar o objetivo de algumas dessas, as quais para os nossos dias são denominadas de áreas do conhecimento⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, observamos que Hugo de Saint-Victor foi um dos pensadores que possibilitou, com seus ensinamentos e as oportunidades existentes de sua época, proporcionar que a aprendizagem perpassasse pelas questões da própria natureza humana e que a leitura, seja dos escritos sagrados seja dos escritos profanos, são essenciais para a formação intelectual, pois não se deve desprezar escrito algum, deve ser prudente e humilde. Podemos afirmar que as discussões do mestre Vitorino propiciaram, especialmente, aos seus estudantes ler e refletir sobre o escrito, conhecer, antes de julgar, levando seus alunos a entender que era preciso um pensamento reflexivo: a meditação.

Comprometido com seu tempo histórico mostrou a seus alunos novos caminhos que deveriam trilhar. Ele, juntamente, com contemporâneos⁵ seu, interpretaram um novo papel da razão no estudo e este caminho perpassou pela leitura e a sabedoria. Essa preocupação em que Hugo de Saint-Victor se deteve as discussões a respeito da sabedoria e da ordenação nos estudos, que estão entrelaçadas diretamente ao intelecto. É este que conduz ao saber divino, para os homens medievais.

Nosso olhar para educação também revela uma séria preocupação, se para o mestre Vitorino era ensinar com organização e sabedoria, nos nossos dias, por meio dos dados estatísticos e nos noticiários, é em que medida nos direcionamos à formação que está sendo recebida e transmitida? Será que estamos presenciando um período no qual as pessoas não estão com a mente tão flexível ao saber, à educação?

⁴ Hugo de Saint-Victor menciona, por exemplo, que a finalidade da lógica são as coisas, cuidando dos conceitos; o objetivo da física ao tratar singularmente dos movimentos mistos; entre outros (2001, p. 105-107).

⁵ Hugo de Saint-Victor, juntamente com Abelardo, Adelardo de Bath, Thierry de Chartres, Gilberto de Poitiers, Guilherme de Conches, John de Salisbury, Pedro Lombardo e São Bernardo, integra um grupo de pensadores que, na primeira metade do século XII, interpretaram um novo papel da razão no estudo do mundo natural e supranatural (MARCHIONNI, 2001).

Certamente, não temos uma resposta ou resolução para apresentar, pois correríamos o risco de ficar apenas no plano ideal, mas nosso olhar de educador para essa realidade é de buscar alternativas que possibilitem tanto a construção de novos valores que possam orientar os homens em suas ações, como a elaboração de uma nova compreensão da educação para que esta possa estar em sintonia com as novas exigências da sociedade.

Os princípios éticos e morais, juntamente com o incentivo a leitura são passos intrínsecos para uma formação mais consistentes. Nossa preocupação com os dados estatísticos é justamente em constatarmos que desde a tenra idade a leitura não faz parte do cotidiano escolar e que por vezes é vista como algo desagradável, entediante. O que está posto na ordem do dia, a nosso ver, é a formação que estamos recebendo e transmitindo.

Em uma entrevista para a *Revista Veja*⁶ (agosto de 2008) Andreas Schleicher (físico alemão que comanda os rankings de educação) diz que o Brasil precisa investir nas práticas de ensino que obtiveram resultados positivos em outras nações, pois ele afirma que os estudantes brasileiros são ensinados a reproduzir conteúdos sem prática, tendo uma expressiva ausência de interpretação, análise e síntese dos conteúdos para ser aplicado no cotidiano (WEINBERG, 2008).

O jornal *O Estado de São Paulo*⁷ (do dia 26 de agosto de 2011) anunciou uma nota, também preocupante: a avaliação (Prova ABC) feita por 6 mil estudantes da rede pública e privada das capitais revela que 44% lêem mal, 46% escrevem errado e 57% têm sérias dificuldades em matemática.

Elencamos essas duas notícias, pois nelas residem nossa preocupação e a escolha por discutirmos a importância da leitura para a formação da pessoa, afinal é por meio desta que aprimoramos nosso conhecimento, sendo imprescindível despertar o interesse ou aguçá-lo desde as séries iniciais.

Esperamos ter deixado explícito a importância da leitura em Hugo de Saint-Victor para a formação humana e intelectual. Não temos a intenção de eternizar os ensinamentos deste mestre medieval, afinal, é sabido que as considerações de um autor são válidas como soluções para o seu determinado tempo histórico. Portanto não nos servimos das formulações do mestre Vitorino para cristalizá-la como verdade absoluta, mas para buscarmos a essência histórica de suas formulações: a sabedoria é alcançada por meio da leitura, pois somos dotados de intelecto. É justamente este aspecto intelectual que nos permite aprender e ensinar.

⁶Texto de Monica Weinberg (2008) divulgado na *Revista Veja*.

⁷ Texto de Mandelli (2011) divulgada pelo meio eletrônico do referido jornal: *estadão.com.br*.

Em virtude dos ensinamentos obtidos nas considerações de Hugo de Saint-Victor observamos que a pesquisa na pós-graduação nos permite estudar, analisar e nos orientar na História e na História da Educação, pois para ter uma formação consiste é necessário conhecer e estudar não somente as tendências históricas, os processos educativos e transmissão de saberes atuais, mas conhecer além destas, as ações e pensamentos de como os homens conceberam a História, ou seja, conhecer esses processos e saberes socialmente produzidos ao longo do tempo.

Nesse sentido, ao ler Hugo de Saint-Victor percebemos o quão sua preocupação com a leitura é pertinente até nossos dias. Certamente, as questões e demandas são diferentes de sua época, mas ainda hoje devemos prezar pelo conhecimento. Observamos com as taxas de analfabetismo, nossa posição nos rankings e os resultados das avaliações que nossa sociedade “grita” pelo saber, por uma organização na educação e um comprometimento com a arte de ler para que crianças, jovens e adultos saibam o que é chegar à sabedoria.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, W. R. A Sapiência e as Sete Artes Liberais segundo Hugo de São Vítor. **Humanidades em diálogo**, vol.I, nov. 2007.

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GUIZOT, F. Sétima lição. In: MENDES, C.M.M.; OLIVEIRA, T. (orgs.). **Formação do Terceiro Estados as comunas**: coletâneas de textos de François Guizot, Augustin Thierry, Prosper de Barante. Maringá: Eduem, 2005. p. 27-48.

HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascálicon**: Da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MANDELLI, M. Avaliação mostra que metade dos alunos de 8 anos não aprende o mínimo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,avaliacao-mostra-que-metade-dos-alunos-de-8-anos-nao-aprende-o-minimo,763848,0.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MARCHIONNI, A. Introdução. In: HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascálicon**: Da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, T. DIDASCÁLION, Da arte de ler: a leitura como instrumento educativo no século XII Medieval. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, São Paulo. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss05_01.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2012.

WEIRNBERG, M. Medir para avançar rápido. **Veja**. São Paulo, v.2072, n. 31, p. 17-20, 2008.

